

RETRATOS DO IMAGINÁRIO: Os Modos de Ser Mulher na Cidade de Salvador

Maiara Bomfim Franco¹

Liliane Vasconcelos²

RESUMO

Ao investigar os modos que as mulheres ocupam e se relacionam com a cidade é comum encontrarmos evidentes lacunas no âmbito representativo do ser feminino na urbe. A cidade de Salvador não se mostra pacífica ou solícita quanto a essas representações, assim como designação estrutural tradicionalmente edificada pelo perfil masculino, as mulheres estiveram constantemente em busca de conquistar e pleitear seus espaços no meio urbano. É nesse sentido que a presente pesquisa se desdobra, a fim de analisar as representações do ser feminino na cidade de Salvador, buscando reconhecer a legitimação da mulher através da obra *Primavera nos Ossos* (2010) de Álex Leilla. Para tanto, o trabalho se baseia em uma perspectiva multidisciplinar que possibilita perceber o modo como as mulheres se relacionam com a cidade contemporânea.

Palavras-chave: Mulher. Literatura. Cidade. Contemporaneidade. Cidade de Salvador.

1. INTRODUÇÃO

A história das construções sociais sempre esteve fundamentada na inferiorização do feminino enquanto ser secundário através de uma perspectiva patriarcal. Desde o princípio, a mulher é descrita como ser problematizador, portadora da diferença, inferiorizada por ter sido ela responsável pelas ruínas do paraíso, progenitora do pecado e, por isso, fadada a uma dívida eterna. A mulher então se vê ocupando um espaço secundário estruturado em pilares de destruição, caos e conflito. Sendo ela condenada a pagar pela desobediência e ingratidão por abandonar as projeções divinas e inserir na humanidade a consciência maldosa, a desordem e o desequilíbrio. Tal viés parte do mito religioso da origem que nos ajuda a conceber uma possível leitura da subalternização da mulher no mundo.

¹ Graduada em Letras Vernáculas, UCSal - Universidade Católica do Salvador, maiara.bomfim@hotmail.com

² Prof.^a Dra. Liliane Vasconcelos de Jesus, UCSal - Universidade Católica do Salvador, lillianelilivj@gmail.com

É desse modo que as ideias identitárias de representação feminina passaram a se relacionar com a subalternização através da imagem masculina, essa última reservada o mundo exterior, amplo e livre. Enquanto para a mulher foram impostas as tramas particulares, voltadas ao mundo interior, ao ambiente doméstico e inferiorizado. Por meio de tal premissa, ao ser feminino o espaço público é negado e negligenciado pela estruturação hierárquica social e naturalmente masculina. Sendo assim, como perceber e reconhecer a imagem feminina e sua relação com a cidade de Salvador? De que modo os lugares urbanos são ocupados por essas mulheres?

O objetivo deste trabalho é analisar as representações do ser feminino na cidade de Salvador, buscando reconhecer a legitimação da mulher através da narrativa literária *Primavera nos Ossos* (2010) de Álex Leilla, e ainda como essa mulher contemporânea se relaciona com a cidade, a fim de evitar a perpetuação de estigmas tradicionais fomentados pelo sistema patriarcal.

A presente pesquisa se fez necessária como fator contribuinte para o campo literário de estudo de literatura, cidade e gênero, tendo em vista a necessidade do reconhecimento legitimado da representação feminina no espaço urbano de produção sociocultural na cidade de Salvador, visto que tais sujeitos foram, por muitas vezes, subalternizados no contexto histórico-social em que estiveram inseridos.

Refletir sobre o sujeito feminino na esfera literária contemporânea suscita em significativo reconhecimento da presença da mulher no âmbito das narrativas literárias do mundo atual. Conceber a atividade feminina em tal contexto nos faz perceber a importância da mulher na produção literária, emergindo ainda na cultura social configurações atualizadas sobre a presença feminina em tal meio. Além disso, impulsiona questionamentos acerca das narrativas androcêntricas e em como elas também são tecidas na literatura como ambiente mediador para as relações na sociedade entre homens e mulheres a níveis patriarcais.

Com isso, o texto literário produzido por mulheres é, além de um fator de grande impacto nas configurações sociais e culturais, um ato de ressignificação identitária dessas próprias mulheres que lançam impressões cada vez mais fortes sobre os espaços por elas ocupados na contemporaneidade.

Para tanto, Álex Leilla constrói uma narrativa que contempla questões de sexualidade e de gênero, sendo essa última a mais discutida nesta pesquisa. A escritora propõe importantes reflexões sobre o papel da mulher na sociedade

enquanto aborda em *Primavera nos Ossos* (2010) o perfil de uma personagem forte e independente, a qual transita pela cidade de modo confiante e despreocupado. Leilla (2010) nos leva a repensar o modo como essa figura feminina apresentada na obra configura e estabelece suas relações com a cidade.

2. OS MODOS DE SER MULHER NA CIDADE

As relações criadas e edificadas na cidade podem ser encaradas por diversas perspectivas, questões como qualidade de vida, segurança, representações identitárias, modificações das configurações dos próprios lugares urbanos, tudo isso nos leva a reflexões relevantes quando o assunto é a mulher e a cidade. Os modos de ser mulher na contemporaneidade urbana remetem às novas definições dos lugares que mulheres têm ocupado e construído como parte do próprio sujeito feminino.

Conforme Hall (2006) a identidade passa a ser definida através de uma concepção de pluralidade de fatores que se multiplicam à medida que os sistemas de significação e representação cultural se movimentam. É desse modo que questionamentos sobre o lugar de ocupação da mulher surgem como um forte aliado nas transformações do ser feminino no meio urbano. O que era antes transitado apenas pelo masculino passa a ser visitado e revisitado pela mulher de tal forma que o ambiente, mesmo que ainda desfavorável, se mostra sujeito às significações femininas.

A imagem da cidade de ambiente de proibições e restrições é modificada para um ambiente de possibilidades que, segundo Pesavento (2002), fundamenta o espaço onde “as coisas acontecem”. Dessa maneira, o acontecer das coisas moldam as imagens ao mesmo passo que é moldado por elas. Com isso, em *Primavera nos Ossos* (2010), Álex Leilla traz uma personagem que transita livremente pelos lugares urbanos, edificando durante a narrativa a ideia de familiaridade com tais lugares, pois constrói o retrato da mulher contemporânea que ocupa uma ambientação externa de modo natural, como se sempre pertencesse a esses ambientes.

Entretanto, as representações edificadas na cidade de Salvador sustentam historicamente pilares patriarcais, assentadas na tradicionalidade conservadora colonial em que nenhum interesse público esteve direcionado às mulheres.

Toda metrópole tem dimensões de sombra, domínios ocultos, dobras impenetráveis. Mas, às vezes, me parece que o caso de Salvador é especial. Notáveis pesquisadores volta e meia lamentam a precariedade dos dados disponíveis acerca de uma parcela de seu corpo móvel, a pouca confiabilidade de não poucos índices com que se trabalha a leitura desse complexo urbano. Não raro, sofrem com o estado de uma informação fragmentada, insegura. (SERPA, 2007, p. 02)

Por meio de tal perspectiva é possível observar que a cidade de Salvador é erguida por uma “tradicionalidade brasileira” que se moldou através de fatores que, readaptados às características baianas, foram designados para representar a urbe soteropolitana. Sendo assim, estudar a cidade por meio de um olhar feminino é ainda investigar como é fundamentada a estrutura, a sociedade e quais particularidades a compõe no sentido de possibilidades dentro dessa cidade.

A mulher que vive na cidade deslumbra diversas experiências do cotidiano enquanto rejeita os limites definidos pelo sistema androcêntrico de proibições. O movimento na cidade de Salvador molda as representações do ser feminino transeunte do mundo externo, assim como a própria cidade é moldada pela presença deste sujeito. Portanto, Risério (2015) aborda a cidade por meio dessa perspectiva de possibilidades ao afirmar que “cidade é artifício humano. Cidade implica gente. O campo pode ser deserto. A cidade, não. Ela significa reunião, aglomerado de pessoas. Implica vida conversável”.

Entretanto, o modo como essas mulheres habitam a cidade de Salvador, por muitas vezes traduz perfis que contrariam as projeções aceitas pelo imaginário sociocultural. Visto que o intuito de viver na cidade implica, frequentemente, a conquista e criação de espaços antes inexistentes. É dessa maneira que muitas mulheres ao criar tais espaços se inclinam a uma espécie de integração com a própria cidade; com as ruas e passeios urbanos. Sendo essa integração interpretada através de configurações julgadas inaceitáveis quando se trata de mulheres inaptas a caber em padrões socioeconômicos exigidos pelo sistema globalizado capitalista. Refiro-me aqui ao feminino errôneo e errante, inserido no contexto marginalizado de prostituição e proibições.

Mesmo fazendo parte de uma esfera de privações públicas, a imagem feminina abriu lacunas discursivas em que comportamento, corpo, cultura estiveram esboçados em primeira mão por olhares masculinos. Ou seja, o próprio ser feminino

é vetado a opinar sobre designações pessoais identitárias, tendo sua imagem repercutida por diversas nuances que não são fidedignas à sua representação.

Os espaços urbanos que hoje comportam o feminino precisaram ser moldados gradativamente pela presença pulsante e insistente da mulher que, por meio da resistência e sobrevivência, modificou lugares, ajustou padrões, ressignificou tradições para que o “sexo frágil” se desdobrasse em um processo de constante desconstrução.

Para tanto, a resistência e força feminina tem sobrevivido durante gerações e gerações, conforme Leilla (2010, p. 19) “[...] está inscrito na condição feminina, as amazonas, o famoso matriarcado que jamais existiu, porém, a gente acredita que sim”.

Enquanto o indivíduo masculino sempre habitou a esfera pública com muita versatilidade, cada lugar ocupado por mulheres precisou ser conquistado e pleiteado. Regina Dalcastagnè (2012, p.124), afirma que

a cidade que vai se desenhando na narrativa brasileira contemporânea é, genuinamente, masculina. Não temos a menor ideia de como as mulheres veem espaços urbanos que se estende sob seus pés e se relacionam com ele. Elas se tornam assim invisíveis. São apagadas das nossas ruas, praças e prédios públicos - como se nada tivesse a fazer ali ou como se nada tivesse a dizer da vida nesses lugares. E isso não acontece apenas nos textos produzidos por homens. Nas narrativas de autoria feminina as mulheres ainda costumam estar circunscrita ao espaço da casa, aonde irão se desenrolar seus dramas e, quando possível, suas alegrias.

Por vezes, o feminino que se desenrola pelas estruturas arquitetônicas da cidade se mostra discreto e silencioso, condicionado aos padrões impostos pela sociedade, contudo, intimamente pulsante. Tendo vozes e olhares acorrentados aos estigmas sociais ditados no decorrer dos anos. E, constantemente, sendo elas mesmas responsáveis pela manutenção dos papéis que lhes foram impostos. Ser mulher e perceber-se mulher nem sempre se relaciona com significações representativas dignas de verossimilhança, pois as imagens transmitidas de modo recorrente acompanham traços hostis de tradicionalidades perpetuadas há anos a fio. A violência, dependência, privações, tolerância, subalternização, inferioridade, fragilidade, são alguns dos aspectos que estiveram entrelaçados com a realidade da mulher.

Em contrapartida, os novos formatos sociais exigiram atualizações nas antigas tradições voltadas às restrições e privações femininas, sendo as próprias mulheres as principais responsáveis por elucidar esses novos formatos. É por meio de tal premissa que Leilla (2010) tece o perfil independente de Luísa, construindo sua narrativa sem enfatizar desequilíbrio entre o gênero feminino e o masculino enquanto aborda os lugares ocupados pela personagem.

O redator, duas filas de poltronas na frente dela, a encara ao vê-la de cigarro aceso e ri. Acende ele também o seu. Aliviado. Esperava tão somente que a diretora acendesse seu primeiro cigarro no micro-ônibus, para ele também poder fumar à vontade. (LEILLA, 2010, p. 76)

É dessa forma que a escritora nos convida a conceber a presença da voz feminina na cidade através de novos olhares, mesmo que por muito tempo essas mulheres tenham ocupado e projetado seu próprio ser no cenário desfavorável e hostilizado por aqueles que não precisaram conquistar lugares de fala, porque esses sempre os pertenceram. Relacionar o sujeito feminino às necessidades de conquista, batalha, luta, é o que tem modificado o modo como o social encara o ser e estar dessas mulheres no meio urbano. Desse modo, faz-se importante salientar que as conquistas femininas têm sido cada vez mais latentes desde os movimentos dos anos 60, quando houve um significativo descentramento conceitual por meio dos movimentos feministas da época.

Ao observar a estrutura da cidade e o modo como ela se apresenta e se organiza é possível notar uma latente desigualdade relacionada às demandas sociais. Podemos perceber que a acessibilidade urbana, por uma perspectiva de gênero, se mostra de modo desequilibrado e insatisfatório. Seja pela estrutura física urbana, seja pela localização de seus serviços, seja pela insegurança que, mesmo atingindo a todos, acomete consequências diferenciadas para quem é mulher, sozinha, à noite numa viela escura. O primeiro questionamento para esse cenário é o motivo da violência; o primeiro impulso é sobrepor as necessidades básicas do feminino em transitar livremente enquanto a culpa é transferida para essa mulher que se encontra de modo “incoerente” no lugar e momento “errados”.

Entre o bambuzal, a luz fraca das 4h:30, 4h:40, quase 5h:00 da manhã. Enquanto o sol se desloca invadindo a cidade, a sombra do rosto dela vai de poste em poste. Passando, repassando, qual janela

de carro, capturando, refletindo-se nos pedaços da paisagem. O rosto dela, o contorno oval exalando cheiro de gente machucada [...] a verdade é que ela emerge do inferno, a verdade é que ela retorna à vida. Embaçada. Descongelada. Sozinha. (LEILLA, 2010, p. 31)

Mesmo depois de tantos processos de rupturas com a tradicionalidade cruel e mistificada pelo patriarcado, a mulher na cidade ainda é, frequentemente, vítima da violência urbana.

Álex Leilla, em *Primavera nos Ossos* (2010), traz como ilustração principal o corpo fragmentado feminino reduzido aos pedaços de um manequim desmontado, propondo, assim, uma profunda reflexão sobre como essa mulher tem sido vista e traduzida na cidade contemporânea.

Na rua já se corre perigo. Imagine o corpo feminino. Minha mãe, o que eu fiz pra perecer diante da força bruta. Minha mãe, o que eu fiz pra merecer liberdade tão fajuta. Eles parecem tão famintos. Meu corpo de mulher, sempre pros sacrifícios. Pra servir a quem vier, doa a quem doer, pra saciar os vícios. (LOBO, Aline, 2016)

Por meio da premissa de que a relação entre espaço urbano e mulher mantém um vínculo com uma realidade içada por violência e restrições, existe uma ideia coletiva de insegurança voltada ao gênero feminino que ainda é visto através de uma esfera tradicional de fragilidade e subalternização. A mulher que transita o espaço público se vê cercada por uma inquietação latente. Alvo de caça e olhares que percorrem a carne moldada em padrões sociais estéticos, ensinada a seguir e perpetuar hábitos que contextualizam tolerância e conformismo. Apesar disso, os limites segregados ao feminino são, frequentemente, questionados e atravessados pelas vozes da mulher decidida a ressignificar sua trajetória.

Mesmo sendo a cidade de Salvador miscigenada pelas relações inter-raciais entre negros, índios e brancos, as diferenças pigmentadas pelas ruas e avenidas não são capazes de promover espaços em que o feminino habite e transite livremente. Na realidade, o modo como a diferença é vista na cidade ainda elenca reações hostis. A necessidade de demarcar os territórios com barreiras bem definidas parte de princípios econômicos e passeia visivelmente pela arquitetura urbana.

No que se refere ao gênero, conceber a cidade como espaço demarcado por esse fator é promover a ideia de que as mudanças nas relações de gênero precisam

ser consideradas a partir de um parâmetro nas modificações que ocorrem nesse espaço.

Desse modo, a releitura das atividades exercidas por homens e mulheres é uma questão fundamental nesse processo, visto que ambos percebem e ocupam a cidade de modo diferente, sendo a rotina feminina qualitativamente diferente da dos homens, ainda que pertençam à mesma classe social, raça ou etnia, zona habitacional ou bairro.

A partir dessa premissa, Luísa, a protagonista do romance de Álex Leilla, percebe e transita pela capital baiana com versatilidade e naturalidade. Frequentando lugares permissíveis à sua presença de mulher branca, classe média, financeiramente estável. O porto da Barra, o barzinho no Campo Grande e a Sorveteria da Ribeira são exemplos de recortes da cidade comuns a determinadas mulheres, mas hostilizados para outras. Ainda assim, mesmo havendo uma acessibilidade desigual entre o modo como essas mulheres são qualificadas na sociedade, o fator a ser observado é que a inerência da violência sexual na cidade não escolhe cor, credo, condição econômica, mas escolhe gênero. Luísa sofre estupro em um passeio urbano e, a partir disso, modifica o modo como passa a conceber a cidade e as pessoas.

Concentra-se nisto: despistar o registro da agressão na memória, carvão em brasa lhe trazendo tontura, imprecisão. Despistar e cuidar de outra realidade que lhe crava a carne desde que abriu os olhos: a dor. Mais forte que a lembrança do ataque sofrido, o que lhe perfura a carne é a dor de alicate puxando os dentes. A dor de água escaldando pés, mãos, pescoço, sexo, seios. Principalmente ali, nos bicos dos seios mordidos. E as marcas de roxo pisado, ela murmura, apalpando-se, sairão algum dia? (LEILLA, 2010, p. 32)

A partir da descrição da violência, Luísa apresenta uma narrativa norteadada pelo vazio e pela dor. A personagem se vê perdida nos espaços que antes eram capazes de proporcionar naturalidade e conforto. A cidade traduz agora hostilidade e apatia, até mesmo a sua própria casa lhe causa estranhamento.

De acordo com Risério (2015), a casa é considerada um fragmento da cidade em que se dá o ponto de partida para o começo do urbanismo. Logo, o comportamento da personagem se faz compreensível por tal perspectiva em que o ambiente antes confortável e familiar é configurado em ruínas de dor e sofrimento resultados das agressões sofridas.

“O olhar coberto de ódio e pensamentos de destruição” (LEILLA, 2010, p. 75), é desse modo que a autora descreve a percepção feminina pela cidade em que habita após sofrer violência sexual.

A personagem se vê perdida nos espaços que antes eram capazes de proporcionar naturalidade e conforto. A cidade passa a traduzir hostilidade e apatia. Entretanto, Luísa demonstra de modo sutil um desejo de sobrevivência, “o que realmente interessa é: reencontrar o espaço. [...] a maior dor que alguém pode sofrer: ser afastado bruscamente daquilo que se é. Chegar na porta de si mesmo, além do ponto, estacar na soleira [...]” (LEILLA, 2010, p. 48)

O desejo do reencontro com os lugares que antes a comportavam naturalmente remete ao impulso de reconstrução e reconfiguração dos espaços e dela mesma. Sendo possível reconhecer na personagem uma linha tênue de esperança, em que a mesma destaca sua própria capacidade de resignificação. “A primavera vai te lambar os ossos, querida, fazer você renovar as pétalas, criar espinhos mais precisos, folhas mais intensas”. (LEILLA, 2010, p. 83).

Tal ideia sobre a primavera chegar aos ossos proporciona uma ideia de frescor, leveza e possibilidades enquanto também é ornada por espinhos mais resistentes, propondo uma compreensão acerca da força e proteção reestruturada pela presença da dor. A mulher ferida que sobrevive e recomeça carrega no âmbito o instinto de sobrevivência e poder renovados.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber que mesmo longe de haver uma total desconstrução sobre a ideologia do “sexo frágil”, podemos admitir que homens e mulheres têm se aproximado em novos espaços e práticas sociais. A cidade, mesmo desafiadora – principalmente para o feminino, tem se mostrado dinâmica e versátil enquanto é visitada e revisitada pelos olhares dessas mulheres que vivem e sobrevivem enquanto significam e são significadas pelos locais aos quais transitam.

Mesmo que na cidade contemporânea de Salvador a igualdade de gênero ainda esteja presente plenamente apenas no discurso institucionalizado, uma vez que o coletivo social permanece promovendo discursos clássicos da tradicionalidade patriarcal e as relações sociais travadas se direcionam para o oposto da equidade. É possível perceber dentro dessa evolução lenta e acorrentada à vestígios

culturalmente tradicionais que, o bradar da voz feminina soa com mais força e versatilidade a cada dia.

Nesse sentido, o deslocamento das fronteiras urbanas se faz de grande importância para que os preceitos sociais, concebidos numa tradicionalidade, sejam substituídos por novos olhares capazes de sustentar as nuances de mulheres livres se relacionando com a cidade em que vivem e sobrevivem.

Na obra *Primavera nos Ossos* (2010), Álex Leilla trouxe o cenário urbano de Salvador que, por muitas vezes, traduz violência. E apesar da concepção urbana se revelar nas lentes da insegurança, se apresenta ainda como um obstáculo superável pela mulher independente contemporânea que, personificada por Luísa, vítima de violência sexual, foi capaz de despertar o desejo de ressignificar um novo sentido dentro da esfera da dor e do ódio.

REFERÊNCIAS

DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.

LEILLA, Alléx. **Primavera nos Ossos**. São Paulo: Casarão do Verbo, 2010.

LOBO, Aline. **Na Rua**. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mBT7-ZTrm0k>. Acesso em: 20 mai. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade. **Visões literárias do urbano**, v. 2, 2002.

RISÉRIO, Antonio. **Mulher, casa e cidade**. Editora 34, 2015.

SERPA, Ordep. Salvador 458 anos. **A Tarde**, Salvador, 29 de março de 2007. Caderno Especial, p.02.